

A LOUCURA NA ANTIGUIDADE E IDADE MÉDIA, UMA RETOMADA DA HISTÓRIA EM DIFERENTES FONTES¹

Luís Filipe Maia da Rosa² Eduardo Daltrozo Gutierrez³

¹ Trabalho produzido na disciplina de Psicopatologia 2022/1;

² Aluno do curso de graduação em Psicologia, filipe00200@gmail.com.

³ Aluno do curso de graduação em Psicologia, cajudu.gutierrez@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Sofrimentos e amarras são alguns dos signos que unem a humanidade ao longo de sua história. E essa afirmação vem sem o intuito de puxar o tapete do falso altruísmo, marca presente das hipocrisias no século XXI. Mas com a intenção restrita somente a retomar a história da maneira mais fria e aproveitável, pois não queremos cometer os mesmos erros, não é? Caso algum espírito seja ferido, principalmente o comportamentalista ou farmacológico, as desculpas serão apresentadas no instante sucedâneo ao momento que tais ideias se mostrarem diferentes das passadas, tanto em seus métodos quanto em suas formas de interpretar os sujeitos, já que umas levam as outras, mesmo que aos poucos.

Nesse caminho que por vezes se repete, a dor e a dificuldade existencial de alguns abriram espaço para a catalogação de doenças, do modo mais impessoal e invasivo. Os cientistas e médicos, nos mesmos moldes dos prontuários modernos, abriram, olharam e dissecaram tais “anomalias” mentais. O problema é que fizeram o mesmo com seus portadores. Assim, ao longo do tempo a história da Loucura, como terminologia, e dos loucos enquanto sujeitos foi se constituindo.

Passando da antiguidade até os dias atuais, a racionalidade do *Homo sapiens* foi sendo posta em questão pelos irmãos da mesma espécie que teimavam em não se portarem como os demais. Na medida em que a identidade humana deriva da racionalidade, a desrazão mostra sua força apresentando o lado esquecido dos homens (PESSOTTI 1996, p.9). Dessa forma surge esse breve trabalho, com a ideia de retomar a narrativa da história da antiguidade até o medievo sobre a loucura a partir de diversos pontos de vista. Esses dois pontos foram escolhidos por tratarem daqueles que deram as bases para as discussões que vieram nos séculos mais recentes.

METODOLOGIA

A metodologia que foi utilizada para este trabalho foi a de uma pesquisa bibliográfica qualitativa. O trabalho foi construído a partir de um texto proposto na disciplina de Psicopatologia 2022/1.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenrolar dos cativos de *Lyssa*, deusa da loucura, nas próprias terras gregas, ao longo da antiguidade, foi desprovido de perseguição, porém a reclusão e a distância eram regra. Foi a desrazão dos loucos que os fez serem vistos como abençoados. Eles falavam com os deuses, exprimiam a verdade que para os demais era ininteligível. Sócrates pode ter sido um dos felizardos que, por meio do Oráculo de Delfos, soube ser ele o homem mais sábio do mundo, por uma revelação divina.

Porém, a loucura dentro deste período, não pode ser entendida somente a partir dessa referência místico-religiosa, já que dentro da antiguidade grega, os loucos também eram entendidos por outras abordagens, como a passional e organicista. (VIECELI, 2014) Se a primeira versão da loucura na antiguidade já foi explorada, inclusive por Michel Foucault(2000), cabe agora apresentar outras interpretações para os mesmos fenômenos.

Dentro da abordagem passional, os grandes poetas gregos vão ser as principais fontes para se descobrir tal abordagem. É importante notar que “a concepção da arte e literatura baseada na tragédia, negava a loucura exterior das epopeias homéricas, e a caracterizava como resultado de conflitos interiores: da luta entre vontade individual e destino” (VIECELI, 2014, p.50). os deuses não são mais os responsáveis pelos acontecimentos sub-lunares, mas os próprios homens, em seus próprios conflitos que tornam a enlouquecerem a si mesmos.

A tragédia que inspirou Freud a pensar em sua teoria pode ser tomada como um exemplo. *Édipo Rei* de Sófocles é um ponto alto na construção desta outra visão sobre a loucura. O rei enlouquece, pelos seus próprios atos, e mesmo que a narrativa seja absorpta pelo meio cultural grego, e por isso as inúmeras referências a possíveis maldições divinas, a responsabilidade e a causa dos efeitos, ainda é humana (SÓFOCLES, 2018).

A outra forma de se olhar para a loucura que se formou dentro do período da antiguidade clássica foi o organicista. Com suas explicações próximas às que vemos hoje no discurso

médico/psiquiátrico, mudando, é claro, acidentalmente os termos utilizados em cada época. Nessa perspectiva, há uma rejeição da interpretação baseada em mitologia para compreender a vida e as aflições humanas, independentemente de serem de natureza mental ou física. Hipócrates reconhece que os processos orgânicos exercem influência sobre o funcionamento da mente e da vontade, estabelecendo assim as bases do pensamento organicista. Segundo ele, os distúrbios mentais surgem devido ao desequilíbrio entre os quatro fluidos corporais: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Cada um desses fluidos está associado a um órgão específico do corpo: coração, cérebro, fígado e baço (VIECELI, 2014).

Considerando as normas que o trabalho segue e por isso seu próprio limite de páginas, se faz necessário um salto na linha do tempo, para que se torne possível observar outra época, a Idade Média. É nesse período que surgem alguns dos métodos que se repetirão ao longo da história. Resumir pode ser perigoso, e Jacques Le Goff apresenta que a Idade Média tratará com a mesma ambiguidade que diversas outras questões, os loucos (LE GOFF, 2016), pois como disse:

Ora [os loucos] são quase inspirados, e o bufão do senhor, que será o bobo da corte. O louco da aldeia, nessa sociedade camponesa, é um fetiche para a comunidade. No *Jeu de la Feuillée*, o *dervé*, o jovem camponês louco, revela a moral da história. Observa-se até um certo esforço para distinguir diversas categorias de loucos: os "furiosos" e os "frenéticos", que são os doentes que é possível tentar tratar ou antes **encerrar nos hospitais especiais, dos quais um dos primeiros é o hospital de Bethléem, ou Bedlam, em Londres, no final do século XIII**; os "melancólicos", cuja esquisitice talvez seja também física, ligada aos maus humores, mas que precisam mais do sacerdote do que do médico. enfim, a grande massa dos possuídos que só o exorcismo pode livrar de seu hóspede temível. (LE GOFF, 2016, p.310)

É neste conturbado contexto cultural, que carregando suas ambiguidades, os loucos passam a serem institucionalizados. Ao mesmo tempo em que os exilava em hospitais, tratava-os como bufões e bobos-da-corte, tendo seu espaço dentro da *polis* garantido. Não somente assim, mas em continuidade do período anterior, os loucos também vistos como aqueles que traziam em si verdades que revelavam a moral das histórias, como se fossem profetas.

Mesmo que o encerramento dos loucos já fosse presente durante o medievo, é na passagem deste período histórico para o próximo que o movimento de exclusão se tornará marca, antecedendo o período dos manicômios. Mas então, o que acontece neste ínterim? Como os loucos deixam de ser profetas, ou endemoniados (e diga-se de passagem, se forem possuídos, ainda podem ser curados pelo exorcismo), para se tornarem eternos reclusos em sua própria doença? Foucault

apresenta a ideia de que o fim das Cruzadas e por consequência a redução com o contato dos centros epidêmicos de lepra, que se encontravam no Oriente, trouxe à Europa o esvaziamento das instituições que cuidavam dos leprosos. O espaço que antes era ocupado pelos leprosos, passou a ser ocupado por outros, os desarrazoados. No século das luzes, os que não ascenderam aos luminares da razão, foram sendo submetidos aos claustros, sob o mesmo modelo do leproso. (FOUCALT, 200)

Os hospitais passaram das ordens religiosas para os governos e aos poucos foram assumindo estruturas “semijurídica, uma espécie de entidade administrativa que, ao lado dos poderes já constituídos, e além dos tribunais, decide, julga e executa (FOUCALT, 2000, p. 57).” Os médicos dentro destes ambientes tinha “soberania quase absoluta, jurisdição sem apelações, direito de execução contra o qual nada pode prevalecer o Hospital Geral é um estranho poder que o rei estabelece entre a polícia e a justiça, nos limites da lei (FOUCALT, 2000, p. 57).”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o fim da Idade Média e a ‘ascensão das luzes’ da razão sob a cultura gótica e trágica, como a grega e medieval, os loucos passaram a ter cada vez menos espaço dentro dos meios de convívio (FOUCALT, 2000). Não eram mais profetas, nem bobos-da-corte, eram agora indivíduos que perderam a razão e que por isso eram separados dos demais. Olhar para a história dos loucos e da loucura faz com que nos demos conta das diversas “formas de conceber a loucura antes que ela obtivesse o rótulo de doença mental e se naturalizasse como habitante exclusiva do manicômio, sob o olhar do saber psiquiátrico” (VIECELI, 2014, p.62).

Os pontos levantados por este trabalho devem servir para quebrar a barreira institucionalizada e apresentar que o aparente *nonsense* dos loucos, carrega consigo um sentido. Historicamente isso foi percebido e aos poucos esquecido, deixado de lado. Que não se esqueça, as entidades nosológicas não existem independentemente das pessoas; o diagnóstico deve considerar o sujeito e sua história. (JUNG *et al.*, 2022)

Palavras-chave: Loucura. História da Loucura. Antiguidade Grega. Idade Média

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LE GOFF, Jacques, **A civilização do ocidente medieval**, Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2016

PESSOTTI, Isaias, **Século dos Manicômios**, São Paulo: Editora 34, 1996

PESSOTTI, Isaias. **Sobre a teoria da loucura no século XX**, 2006. Acesso em 01/03/2022. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000200002&lng=pt&nrm=iso>.

VIECELI, Ana Paula. **Arquitetura da loucura na Antiguidade Clássica: a loucura ritual, o teatro e os templos da cura**, 2014. Acesso em 10/08/2023. Disponível em: <<https://ojs.fsg.edu.br/index.php/pesquisaextensao/article/view/46-64>>

REALE, Giovanni. **História da Filosofia antiga (I das origens a Sócrates)**, São Paulo, Edições Loyola, 1994

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SÓFOCLES, **Édipo Rei**. Campinas-SP: Edições Livre, 2018

JUNG , T. I., ISRAEL RIBAS , A., GOETTEMES FONTANA , E., DALTROZO GUTIERREZ , E., & MAIA DA ROSA , L. F. (2022). **Esquizofrenia, entre os manuais e a psicanálise: duas visões do mesmo sujeito?** Salão Do Conhecimento, 8. Acessado em 11/08/2023. Disponível em: <<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/22402>>